

CHAMADA PARA PUBLICAÇÃO

DOSSIÊ “TORNAR-NOS CRIANÇAS: AUTO/ETNOGRAFIAS, CUIDADOS E REPARAÇÕES”

Coordenadoras:

**Adriana de Azevedo: Doutora em Literatura, Cultura e Contemporaneidade com bolsa CNPq pela PUC-Rio (2016) e Pós-doutoranda pela mesma instituição.*

***Diego Paleólogo: Doutor em Comunicação pela UFRJ e Pós-doutorando na Faculdade de Comunicação Social da UERJ.*

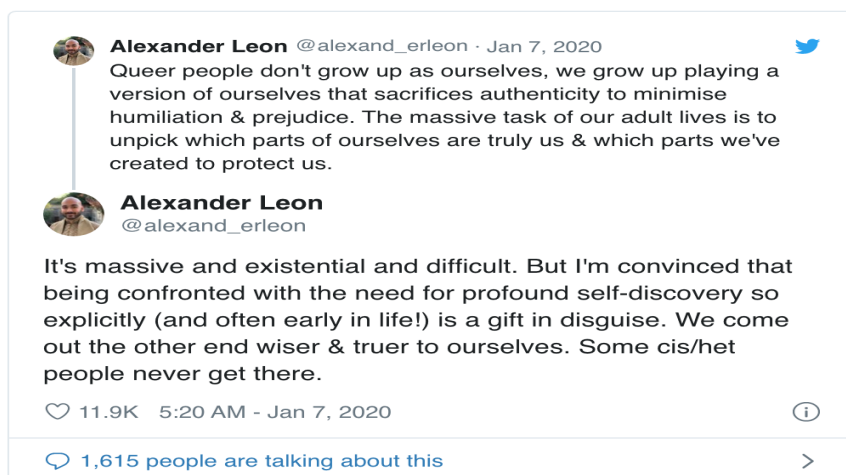
****Vinícios Ribeiro: Doutor em Comunicação pela UFRJ e Professor Adjunto da Escola de Belas Artes da UFRJ.*

A proposta desse dossiê é convidar as autoras a um exercício ético que se encontra no cruzamento entre um ensaio, um artigo e autoetnografia. O tema da criança aparece em diversos contextos. Movidas pelas provocações urgentes de Preciado e Sedgwick, a saber, escolhemos o delicado tema da criança como fio condutor desse dossiê da Revista Brasileira de Estudos da Homocultura - REBEH. Na intenção de uma composição que escape aos moldes não raramente ortodoxos e cristalizados da academia, propomos uma visita/revista aos tempos em que fomos crianças e um exercício de conectar/dobrar esses tempos aos de agora.

Quem defende a criança queer?, pergunta Preciado em um artigo. Se a heteronorma compulsória faz uso de todas as violências contra essas subjetividades, [talvez] seja nossa responsabilidade ética se mover contra essas violências e em defesa dessas outras existências. A provocação de Sedgwick, de 1991, é mais radical na proposta de “como criar suas crianças gays” [how to bring up your kids gay] – Nós, seja no âmbito do ativismo ou da academia, temos nos afastado das questões da infância (incluindo as nossas), talvez tentando esquecer que “a temporada de caça às crianças gays está sempre aberta (Sedgwick)”. As questões da expulsão de casas, dos espaços escolares e do suicídio de crianças e adolescentes lgbtqi+ são urgentes e precisam ser mapeadas e abordadas em suas intersecções com religião, classe, raça e região.

De certa maneira, um dos movimentos que propomos é lançar esse olhar para a história e pensarmos “como sobrevivemos?”, quais estratégias, circunspeções, fugas, negações e violências atravessamos? E de que forma podemos tecer curativos, o carinho,

o acolhimento e produzir políticas de cuidado, proteção e defesa. Esse convite parte também de um twitter sobre como o indivíduo lgbtqi+ cresce:



"Pessoas LGBTs não crescem sendo elas mesmas. Crescem sacrificando e limitando suas espontaneidades pra minimizar humilhações e preconceitos. Nosso maior desafio da vida adulta é escolher quais partes de nós são o que somos de verdade e quais criamos pra nos proteger do mundo".

Muitas de nós cresceram e viveram parte de suas vidas aprisionadas em performances de gênero, sexualidade e corpos. Descobrir-se lgbtqi+ é um processo muitas vezes violento. Como reparar esses processos? Como curar?

Tornar-se criança, então, é um exercício metodológico (de caminhos) que agencia as fronteiras do tempo – buscamos uma temporalidade que recuse também a crononormatividade. Voltar ao passado para curar o presente.

Prazo de envio: 20/02 a 10/04/2020

Previsão de Publicação: junho de 2020